

Comunicação Popular: A Literatura de Cordel como Porta-Voz das Poetisas Sergipanas⁴³

Rose Elaine Bonifácio⁴⁴

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

Resumo

Fruto de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, este artigo analisa, sob a ótica da Folkcomunicação, a pouca visibilidade dos cordéis de autoria feminina dentro da historiografia do gênero, e discute o papel de resistência e representatividade de 3 cordelistas sergipanas na luta diária contra o machismo. Ainda com o esforço de refletir sobre o papel do cordel enquanto comunicação popular, que

⁴³ Trabalho apresentado no GT 02 Expressões da Folkcomunicação na Cultura Popular da XXI Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

⁴⁴ Bolsista Capes e Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: rosebonifacio@academico.ufs.br

funciona como porta-voz dos marginalizados e é uma ferramenta de transformação social, principalmente, nas relações de gênero. Diante disso e a partir das considerações expostas aqui espera-se ampliar a compreensão de como as autoras, Daniela Bento, Quitéria Gomes e Izabel Nascimento, por meio do cordel, subvertem estereótipos, influenciam a construção de identidade e empoderam outras cordelistas sergipanas.

Palavras-chave:

Cordel; comunicação popular; folkcomunicação; visibilidade; resistência cultural.

Percurso metodológico

O foco temático deste artigo é analisar a representatividade feminina no cordel sergipano, tendo como objeto de estudo a observância das vivências de 3 cordelistas locais: Daniela Bento, Izabel Nascimento e Quitéria Gomes. Para tal, em primeiro momento foi realizada uma pesquisa bibliográfica embasada nas temáticas “Folkcomunicação, cordel, cultura popular e relações de gênero”. A busca bibliográfica sobre os temas acima propõe uma revisão, sob o viés científico, de trabalhos que já foram publicados acerca do assunto que será estudado neste artigo. Teses, dissertações, artigos científicos, livros e monografias que focaram nos estudos da comunicação popular e na representação feminina no cordel sergipano, compuseram essa parte do corpus. A pesquisa bibliográfica é fundamental no trabalho acadê-

mico dado que, “permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto” (FONSECA, 2002).

No segundo momento metodológico foi feita a análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com as cordelistas pela plataforma Teams devido ao contexto pandêmico que estava sendo vivido em 2021. A partir de roteiros e escolha de três fontes por critérios de notabilidade no estado de Sergipe. Segundo Gil (2011) esse tipo de entrevista apresenta certo grau de estruturação e vantagem, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. Em termos gerais, a pesquisa será de cunho qualitativo com a finalidade de, através do estudo das bibliografias e resultado das entrevistas individuais, realizar um exame dos dados encontrados, montar um perfil dessas mulheres e do cenário do cordel sergipano na contemporaneidade e apresentá-los no artigo. Ainda com esforço de responder aos questionamentos que motivaram a pesquisa: se as cordelistas tivessem a liberdade de se inserir na narrativa e assim escrever seu próprio enredo? Que papéis ocupariam?

A Folkcomunicação e o Cordel: a voz do silenciado

Os estudos sobre comunicação popular tornaram-se uma vertente no Brasil a partir da década de 1980, abordando não um tipo de mídia específico, mas o processo de comunicação que aflora a partir da ação dos grupos populares que estão à margem do acesso à informação e não são assistidos pelas mídias massivas. Para Cecília Peruzzo (2003) essa ação tem caráter mobilizador coletivo, exercido por movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação.

Luiz Beltrão (1980) sinaliza que a comunicação popular parte justamente da premissa de que os meios de comunicação de massa não suprem todas as necessidades dos grupos diversos que compõem a sociedade e de que a comunicação nunca foi assunto apenas de pessoas eruditas e dos grandes conglomerados midiáticos. Tampouco as mensagens são transmitidas apenas pelas grandes redações de jornais, redes televisivas e rádiojornais. Para este autor, conversas, poesias e manifestações folclóricas poderiam influenciar fortemente a comunicação, daí sua proposta de uma vertente de estudos que denominou Folkcomunicação.

A Folkcomunicação é um processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias (sic) e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. Como ocorre com a comunicação coletiva em geral, a comunicação também se especializa, torna-se caracterizada de acordo com seus objetivos e efeitos combinados (BELTRÃO, 1980, p. 79)

O autor também aponta que o público descrito pela Folkcomunicação é composto por uma categoria marginalizada de indivíduos que são excluídos “não só do sistema político como da comunicação social massiva”. Levando em conta essas considerações, Beltrão conceitua o processo “folkcomunicacional” como uma iniciativa que perpassa por canais folk, ou seja, populares, chegando a pessoas consideradas marginalizadas socialmente, como as de um interior isolado, grupos urbanos de baixo poder aquisitivo e aqueles que são adeptos da contracultura. Portanto, na Folkcomunicação verifica-se como se processa a difusão de informações na comunicação popular.

Para Beltrão (1980), o estudo do cordel nesta perspectiva vem com a finalidade de preencher o hiato, quando não o vazio, não só da informação jornalística como de todas as demais funções sociais do jornalismo: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo civilizatório, e exprimindo-se em linguagem e código.

[...] neles estão registrados as impressões do povo a respeito de acontecimentos sucedidos no município, no estado, em todo o país... a maneira de ver e analisar os fatos sociais, políticos e religiosos da gente rude... denunciando costumes, atitudes, preferências e julgamentos. (BELTRÃO, 2014, p.141)

Revisitando o debate sobre o contexto feminino na literatura de cordel, sob a ótica da pesquisadora Josilene Félix (2021), observa-se que apesar do gênero ter conquistado espaço em outros âmbitos no decorrer dos anos, a participação feminina neste campo foi continuamente invisibilizada, do mesmo modo que em outros cenários e contextos. Ao longo de séculos de história, as mulheres no Brasil têm sido relegadas a ocupações secundárias, restando-lhes os lugares marginais da sociedade, na maioria das vezes, o papel de coadjuvantes de uma história construída sob o olhar masculino. Suas imagens são atreladas à moral e aos costumes idealizados por homens, que as tornavam públicas do jeito que lhes era conveniente.

Na busca de entender essa falta de representatividade feminina em lugares de prestígio no cordel e a necessidade de existir mulheres autoras narrando suas próprias histórias, Santos (2006) afirma que:

[...] A exclusão das mulheres no interior da literatura de cordel se constitui tanto pelo aspecto do gênero – o fato de ser mulher num universo marcadamente masculino, como, por estar falando de um lugar historicamente deixado em segundo plano, o campo da cultura popular, marginalizado por uma literatura oficial.

Em consonância com Santos (2006), é possível observar que este “sublugar” ocupado pelo feminino no cordel parte de dois cenários. O primeiro expõe a antiga dicotomia entre os gêneros que coloca o ser mulher em um lugar de subordinação e é reproduzido não só na literatura oficial, como em outras esferas da sociedade. E o segundo, revela a sublocação da cultura popular em detrimento da cultura erudita, do cânone. Para compreender esse lugar da cultura popular em contraponto à literatura oficial, os estudos de Stuart Hall (2003) expõem as manifestações culturais, à exemplo o cordel, como ferramenta estratégica de contestação e transformação social.

Para Hall, a cultura popular é um campo de disputa, um local de contestação estratégica. Ele complementa para demarcar assertivamente o conceito de popular: “A cultura dos oprimidos, das classes excluídas: esta é a área à qual o termo ‘popular’ nos remete.” (HALL, 2003). A partir dessa percepção de Hall é possível compreender que os significados culturais resultam de formações históricas específicas, de repertórios culturais de enunciação muito específicos, que es-

tão sempre em disputa e podem constituir um ‘posicionamento’, ao qual podemos chamar provisoriamente de identidade”. (HALL, 2003)

Em Sergipe, as cordelistas locais ultrapassaram a fronteira dos folhetos e vêm ocupando e recriando narrativas de gênero reconstruindo, assim, suas identidades nesse meio. Através dos seus folhetos, vivências e de repercussões das manifestações nas redes sociais, essas mulheres que em outrora foram vítimas de apagamento no meio cordeliano apropriam-se dos recursos comunicacionais do cordel para divulgar suas pautas e disseminar cultura popular de resistência, influenciando também outras poetisas a fazerem o mesmo.

Exemplo recente deste novo contexto foi o movimento que nasceu no dia 27 de Julho de 2020, quando a Presidente Fundadora da Academia Sergipana de Cordel e membro do Conselho de Cultura do Estado de Sergipe, Izabel Nascimento, ministrou a primeira palestra do III Encontro de Cordelistas da Paraíba. A sergipana, a partir de um recorte histórico, denunciou o traço forte do machismo dentro da literatura de cordel. Após sua fala, sofreu ataques de outros cordelistas que estavam presentes no evento e se posicionaram em desacordo com seu discurso.

A fala polêmica da sergipana uniu em causa e identificação várias outras mulheres. De acordo com os dados divulgados pelo Diário do Nordeste⁴⁵, no dia seguinte uma petição online em repúdio ao machismo no cordel foi assinada por mais de 70 entidades sensíveis à causa feminista, bem como por cerca de 1.700 pessoas físicas. Um dos objetivos do movimento criado a partir das agressões a Izabel,

⁴⁵ Reportagem disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br>

inclusive, é reunir e contabilizar as cordelistas espalhadas por todo o Brasil.

Dentro e fora das mídias sociais, a cordelista Izabel Nascimento e outras cordelistas sergipanas estão se tornando nomes influentes na luta contra o machismo no cordel. Elas escrevem suas histórias e influenciam a partir disso outras mulheres a também escreverem as suas. Para além da campanha contra expressões de machismo no cordel, essas cordelistas constroem diariamente uma nova historiografia para a literatura cordelista no estado de Sergipe, o que será observado posteriormente.

Protagonismo feminismo no cordel sergipano

Nesse ponto, faz-se necessário evidenciar de forma mais profunda o protagonismo das três poetisas que atuam na linha de frente do processo de construção e desconstrução do cenário cordelista sergipano. Izabel Nascimento (Ex-presidente da Academia Sergipana de Cordel), Daniela Bento (Atual Presidente da Academia Sergipana de Cordel) e Quitéria Gomes (Membro da Academia Sergipana de Cordel e poetisa da causa ribeirinha). Os critérios das cordelistas em questão baseiam-se na notoriedade, influência e trajetória dessas mulheres na construção da cena cordeliana de Sergipe. Nascimento e Bento estiveram a frente, no cargo de presidência, da Academia Sergipana de Cordel por 8 anos, e as três poetisas juntas organizaram e escreveram a I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano, além disso encabeçaram movimentos nacionais e locais.

Diante disso e com o resultado das entrevistas semiestruturadas será possível notar que é através da força da cultura e comunicação popular e do acolhimento que existe na união de mulheres que os pa-

radigmas e barreiras construídos na história da literatura de cordel estão sendo superados na contemporaneidade.

Daniela Bento: cordel como veículo de comunicação pedagógica

No município de Poço Redondo/SE, a cordelista Daniela Bento também reescreve sua sina e influência, através do seu exemplo, outras mulheres a reescreverem as suas. A atual presidente da Academia Sergipana de Cordel é filha do funcionário público Francisco Alexandre Sobrinho e de Francisca Noêmia Bento Alexandre. O início da sua trajetória na poesia, marcado pelo primeiro show de improviso que assistiu no Ceará. Na época, o evento apresentou como poeta Patativa do Assaré⁴⁶.

Desse momento em diante, a cordelista revela que nunca parou de escrever, apaixonou-se pelo ofício e apropriou-se dele para levantar suas pautas. Daniela, que já participava da luta na Articulação do Semiárido no Ceará e levantava pautas a favor de políticas públicas, começou a trabalhar diretamente com a população do campo e dos assentamentos quando chegou em Sergipe, em 2008. Mas, sentiu dificuldade de levantar debates como homoafetividade, gênero e agroecologia sustentável, na região. A cordelista conta que quebrou essa barreira com a ajuda do cordel e encontrou, a partir dele, uma forma popular de dialogar com essas comunidades.

⁴⁶ Poeta e repentista brasileiro, um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX

Eu precisava buscar um jeito de dialogar com essas famílias de maneira que elas pudessem se apropriar daquilo. Da forma que a poesia entrou na minha cabeça e ficou, eu entendi que nesse momento o cordel poderia ter a mesma função. Escrever cordel tornou-se meu fazer pedagógico (BENTO, 2021, on-line). – grifo da autora

Daniela foi premiada em duas edições do Concurso de Contos do SESC (2006 e 2009), figurando nas duas edições como a única mulher vencedora na categoria, com os contos O Encontro – “Um verdadeiro conto de Natal polifônico, entrecortado de trechos bíblicos e com ressonância da Divina Comédia” e Das Dores de Maria, que retrata o cotidiano feminino em algumas realidades do universo rural.

Em 2018, a poetisa tomou posse na cadeira número 13 da Academia Sergipana de Cordel e quase quatro anos depois, no dia 21 de agosto de 2021, assumiu a sua presidência. Duas semanas após ser eleita, Daniela lançou o cordel “Amores (Di) Versos”, em celebração ao mês da Visibilidade Lésbica⁴⁷, com recursos da Lei Aldir Blanc. Ainda falando sobre diversidade, Daniela também realiza nas escolas do município de Poço Redondo um trabalho de base por meio de rodas de conversa sobre raça e gênero, nas quais lança mão das suas produções em cordel.

Quando questionada sobre o atual cenário do cordel em Sergipe e sobre suas expectativas para essa prática cultural, Daniela aponta

⁴⁷ A data foi criada em 1996 no 1º Seminário Nacional de Lésbicas para combater a lesbofobia e a misoginia.

que o estado tem muito potencial, mas que ainda existem algumas questões a serem superadas.

Quase todos os espaços que passo por aqui as pessoas parecem que estão disputando e eu ainda não sei o quê. Eu nunca discuto com ninguém. Existe uma disputa grande e no cordel isso é muito forte (BENTO, 2021, on-line). – grifo da autora

Apesar dos desafios, a cordelista mantém-se otimista quanto ao futuro, tanto no âmbito dos projetos pessoais quanto na presidência da ASC. “Quero continuar debatendo em 2022 esses temas nas escolas, com o público em geral, fazendo minhas lives. Acredito que só publico algo novamente em 2023. Por agora estou com foco nesses projetos e na Academia”, conclui Daniela.

Quiteria Gomes: o cordel como uma ferramenta que dá voz a quem não tem voz

Nascida na comunidade ribeirinha de Bonsucesso/SE, Quiteria Gomes, também moradora do município de Poço Redondo, conta que sua paixão pelos versos surgiu ainda na infância. A poetisa narrou em entrevista que seu passatempo preferido era sentar às margens do rio e encher seu caderninho com versos livres sobre a natureza, o Rio São Francisco e as vivências do povo ribeirinho.

Enchia meu caderno de verso e ficava sem páginas para as tarefas escolares. Eu cresci assim, fazendo versos. A poesia em si ela ocupava todos os espa-

ços da minha vida, pois onde ia sempre arranjava um tempinho, um espaço e um local para escrever. A maioria dos meus cordéis falam sobre o Rio São Francisco, sobre a vida do povo ribeirinho. (GOMES, 2021, on-line)

No início da sua trajetória, a poetisa diz que não sabia que o que escrevia era cordel, para ela eram apenas versos soltos, como um desabafo sobre a vida e seu cotidiano. Para Quitéria, o momento de “entendimento” só se deu de fato a partir do primeiro contato dela com as poetisas Daniela Bento e Izabel Nascimento, e cresceu posteriormente com sua participação na Academia Sergipana de Cordel e no trabalho coletivo com outros poetas.

Eu recebi o convite por Izabel e Daniela, e me inseri na Academia. Foi essa aproximação com Daniela, Izabel e a galera da Academia que me fez entender que os versos que eu fazia eram cordel. A gente fez alguns encontros, algumas rodadas de cordel e assim fiz algumas apresentações em escolas. A Academia foi importante, e é importante demais porque abre as portas. (GOMES, 2021, on-line)

A poetisa conta que a Academia e a união dessas mulheres que constroem a cena do cordel sergipano contribuíram para que ela pudesse enfrentar o machismo e encontrar fortalecimento para superar as críticas e obstáculos. “Houve críticas dos machistas que não aceitavam que a gente construísse a Academia. Pessoas que chegaram a duvidar que a gente fazia cordel, mas aí a gente se fortalece, uma ajudando a outra, em coletivo, unidas.” (GOMES, 2021, on-line)

As marcas de ter crescido em frente ao rio são evidentes em Quitéria e nos trabalhos que a cordelista promove através do gênero. Ao encerrar a entrevista, a poetisa pede espaço e recita o cordel, que escreveu sentada, em frente ao Rio São Francisco enquanto observava um pescador.

*A rede, o remo e anzol
Não uso mais já guardei
Sou um pescador sem rumo
Fazer outra coisa não sei
Na vida não tive estudo
Também nunca viajei
Nasci na beira do rio na beira do rio me criei
Te digo Velho Chico: sempre a ti fiel serei
Por sina reclamo da sorte
Mas sua morte é minha morte
Nunca te abandonarei.
(GOMES, 2021, on-line)⁴⁸*

Para Quitéria, mulher ribeirinha, o cordel para além de arte tornou-se também lugar de fala e acolhimento, logo, de comunicação. Otimista com o futuro da cena em Sergipe e suas potencialidades, a cordelista declara que por mais que ainda haja desafios a serem superados, a realidade é de avanço.

⁴⁸ Estrofes declamadas pela Cordelista durante entrevista cedida à autora por videochamada na plataforma Teams.

Izabel Nascimento: das rodas de conversas à comunicação nas mídias sociais

Nascida na capital sergipana, filha dos poetas Ana Santana e Pedro Amaro, Izabel Nascimento começou sua trajetória na poesia muito cedo. A cordelista conta que seu primeiro contato com os versos aconteceu muito antes de aprender a ler e a escrever, de forma muito natural dentro do convívio familiar e com outros repentistas e cordelistas que frequentavam sua casa. Aos 7 anos de idade escreveu seus primeiros poemas em retalhos de tecidos descartados das costuras feitas pela mãe.

Algumas décadas depois, Izabel começa então a construir sua trajetória no cenário do Cordel Sergipano. No ano de 2013, a poetisa e seus familiares fundaram a “Casa do Cordel” no município de Aracaju, projeto idealizado por sua irmã Julianna Santana, durante uma viagem da família ao Rio de Janeiro. O espaço possui um acervo particular que preserva folhetos de cordéis da poetisa e de seus pais. Além de ser um ponto que promove encontro de poetas, o local também é palco de celebrações juninas. Um ano após a inauguração da Casa, Izabel participou do Festival Internacional do Brasil na Áustria, onde divulgou quatro das suas obras na Embaixada do Brasil.

Em 2016, a poetisa atuou como colunista do Jornal Cinform e no ano seguinte fundou a Academia Sergipana de Cordel (ASC), da qual tornou-se primeira presidente até 2019, quando foi reeleita para um segundo mandato por mais dois anos. Izabel conta que os quatro anos à frente da ASC foram de muita construção e desafios.

Eu sempre considerei tudo como uma forma, uma oportunidade de aprender muito, seja com eventos que proporcione a transformação como no caso da Antologia, seja com coisas que queríamos

fazer e não conseguimos fazer, como forma de experiência. (NASCIMENTO, 2021, on-line)

Além de promover o cordel tradicionalmente a partir de folhetos, oficinas e encontros presenciais realizados pela Academia, Izabel também se revela muito adepta das redes sociais, recurso que utiliza para divulgar seu trabalho pessoal e fortalecer as pautas que defende. Um exemplo disso foi a publicação do seu primeiro livro, “Sementes de Girassóis”, que reúne materiais de três anos de trabalhos publicados na internet, com seleção feita por enquetes realizadas no seu perfil do Instagram.

Em 2017, Izabel iniciou o “Cordel de Quinta”, outro projeto voltado para as redes sociais, onde a cordelista utilizava as transmissões ao vivo do Facebook para debater a pauta principal do programa: a poesia. Após passar por outras plataformas, o Cordel de Quinta teve sua reestreia no Youtube, onde Izabel interage com seu público utilizando as ferramentas das mídias sociais para entrevistar pessoas, declamar versos e fomentar o gosto poético.

Em 2018, a poetisa realizou o projeto “Saúde Mental em Cordel”, uma série de vídeos que surgiram a partir de experiências profissionais em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). O projeto tem como objetivo alertar sobre as doenças mentais que mais ocorrem no Brasil, sendo exibido pela TV Aperipê/SE ou acessando o seu canal no YouTube. Izabel comenta sobre essa trajetória nas redes e afirma que o cordel é uma ferramenta que tem essa capacidade de transformação e adaptação às novas tecnologias e às diversas formas de comunicação.

Como tudo que é novo, tudo que é inédito e as pessoas não estão acostumadas, houve muitas críticas,

achando que não iria funcionar. Mas, na própria história do cordel, essa transição é muito comum porque o cordel tem essa capacidade de se transformar e criar acessos. (NASCIMENTO, 2021, on-line).

Outro momento importante na trajetória da poetisa nas redes e para o debate da questão de gênero foi sua contribuição para o “Movimento Nacional das Mulheres Cordelistas em Combate ao Machismo”. O movimento, que tem Izabel Nascimento como pioneira, surgiu nas mídias sociais, mais precisamente no Instagram, com a tag “#cordelsemmachismo”, no 4 de julho de 2020, e teve adesão de mulheres cordelistas de todo o território nacional que se identificaram com a pauta e se juntaram a ela na luta pelo reconhecimento e igualdade das mulheres dentro do gênero narrativo.

Contudo, a poetisa conta que o movimento também teve reações muito negativas de alguns nichos do cordel, mas que essas respostas não apagaram em nada a necessidade de combater o machismo dentro dele. Izabel ratifica sua responsabilidade dentro do movimento junto a essas mulheres e afirma que juntas estão escrevendo uma nova história para as futuras gerações de cordelistas.

Nós precisamos deixar isso marcado na história, e é por isso que a gente se veste dessa responsabilidade para criar esse caminho e para que outras mulheres daqui a anos conheçam essa história e se fortaleçam (NASCIMENTO, 2021, on-line).

Com o fim do seu último mandato na Academia Sergipana de Cordel, Izabel almeja continuar levantando a pauta de gênero dentro e

fora do cenário de Sergipe, apoiando as ações da Academia e tocando seus projetos pessoais nas redes. A cordelista encerra deixando um recado para todas as mulheres: “É muito importante abrir os espaços. É muito importante ocupar os espaços mas, mais importante que ocupar esses espaços é fazer com que outras mulheres também [os] ocupem. É criar caminhos para que outras mulheres caminhem ao nosso lado”, conclui Nascimento.

As contribuições dessas poetisas para alavancar a cultura corde-
liana em Sergipe tem resultado numa construção de uma nova his-
toriografia da comunicação popular por meio do cordel local e suas
potencialidades no estado. Além disso, essas cordelistas estão reivin-
dicando e ocupando lugares dentro e fora das suas comunidades e
incentivando outras mulheres a fazerem o mesmo.

Considerações Finais: um novo ponto de partida

Em relação aos aspectos observados a partir das análises das biblio-
grafias e dos resultados das entrevistas, pode-se dizer que apesar de
as mulheres terem historicamente herdado um lugar de coadjuvante
na Literatura de Cordel, as poetisas do estado de Sergipe estão con-
seguindo reescrever suas histórias dentro do gênero. Através das inú-
meras possibilidades da comunicação popular, essas poetisas estão
construindo um lugar de acolhimento e visibilidade no cordel, tanto
nas suas práticas cotidianas em comunidades quanto por meio das
mídias sociais. Assim, apropriando-se das novas ferramentas de co-
municação que a internet vem propiciando, ampliam suas potencia-
lidades de influência e incentivo para outras cordelistas.

Resgatando o conceito de Folkcomunicação de Beltrão (1980) é
visto que atualmente no contexto das mídias digitais, o cordel tem se

renovado continuamente para agregar e preencher as lacunas deixadas historicamente pela mídia massiva e a cultura erudita. Servindo como objeto de resistência popular. As redes sociais proporcionaram uma nova maneira de fazer cordel e que em nada fere o tradicionalismo, antes, ajuda na comercialização e preservação desta literatura, seja disponibilizando folhetos para download, vídeos e textos, seja reunindo através de uma hashtag mulheres de todo o Brasil para lutar por seu lugar nesta arte popular, como é o caso da campanha Cordel Sem Machismo.

Revisitando Cecília Peruzzo (2003), é visto que a autora também analisa esse processo de transformação e apropriação das novas tecnologias pela comunicação popular sob a ótica da democratização dos espaços por meio da cultura e da pluralidade de discursos. Para Peruzzo, com o passar do tempo, o caráter mais combativo das comunicações populares – no sentido político-ideológico, de contestação e projeto de sociedade – foi cedendo espaço a discursos e experiências mais realistas e plurais e incorporando o lúdico, a cultura e o divertimento com mais desenvoltura. Houve também a apropriação de novas tecnologias da comunicação e incorporação com mais clareza da noção do acesso à comunicação como direito humano.

Partindo dessas observações é posto que a inserção da mulher no universo da comunicação popular também tem causado uma transformação nos velhos modos de fazer cordel. Porque estas partem do aproveitamento das novas tecnologias para ganhar espaço e lugar de fala, como foi visto nas histórias narradas pelas poetisas entrevistadas neste projeto. De modo gradativo acontece uma revolução nesse cenário de expressão cultural, antes dominado pelos homens, sem precisar abrir mão das tradicionais formas de expressão.

Realizar as entrevistas e a montagem dos perfis dessas mulheres sergipanas revelou também que por meio da poesia de cordel elas dão um testemunho do que sentem, de como se vêem e de como assimilam a tradição ou rejeitam os traços de patriarcado existentes nelas, construindo novos caminhos em que suas vozes possam ser ouvidas, rompendo com a herança cultural que destinou à mulher um lugar marcado de silêncio e estereótipos.

Referências

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

FÉLIX, Josilene. (In) visibilidade feminina no folheto de cordel. *Temporalidades*, v. 13, n. 1, p. 391-407, 2021.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

HALL, Stuart. Da diáspora. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Brasília: Unesco, 2003. Capítulo “Notas sobre a desconstrução do popular”.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling e ALMEIDA, Fernando Ferreira de. Comunicação para a Cidadania. Salvador/São Paulo: Intercom/UNEB, 2003.

SANTOS, Francisca Pereira dos. Mulheres fazem... Cordéis. In: Revista Graphos. João Pessoa: UFPB, v. 8, n. 1, 2006. p. 183-194.